



DOI: <http://dx.doi.org/10.55602/rlic.v11i2.287>

AS PROMESSAS QUE INFLUENCIARAM A VINDA DE ALEMÃES PARA O SUL DO BRASIL REGISTRADAS NA OBRA *FERRO E FOGO* DE JOSUÉ GUIMARÃES

DIE VERSPRECHEN, DIE DAS KOMMEN DER DEUTSCHEN NACH SÜDBRASILIEN BEEINFLUSSEN, DIE IM WERK *FERRO E FOGO* VON JOSUÉ GUIMARÃES REGISTRIERT SIND

Antonio Hugo Lima Lopes¹
Marguit Carmem Goldmeyer²

Resumo: A obra *Ferro e Fogo I* de Josué Guimarães contempla a temática da imigração alemã no Sul do Brasil, onde é possível visualizar o propósito dessa vinda e as ações cumpridas por esses imigrantes no Brasil. Em especial, confere-se ainda as promessas que persuadiram esses viajantes sonhadores a deixarem sua terra natal, a fim de se dirigirem a um novo continente, sendo esse o objeto dessa pesquisa. O objetivo geral desta pesquisa é investigar as promessas que influenciaram a vinda dos alemães ao sul do Brasil registradas na obra *Ferro e Fogo I* de Josué Guimarães. Os objetivos específicos são: observar as razões para a imigração alemã ao Rio Grande do Sul; compreender como ocorreu a colonização alemã no Rio Grande do Sul; conhecer quais foram as promessas feitas aos imigrantes alemães e analisar as promessas visualizadas na obra *Ferro e Fogo I*. A metodologia empregada foi bibliográfica e exploratória tanto em artigo quanto em livros. Como principais referenciais teóricos, elenca-se Jean Roche, Vinícius Liebel, Telmo Lauro Müller e Rodrigo Trespach.

Palavras-chave: Imigrantes alemães. Promessas. Rio Grande do Sul. *Ferro e Fogo I*.

Zusammenfassung: Das Werk *Ferro e Fogo I* von Josué Guimarães befasst sich mit dem Thema der deutschen Einwanderung im Süden Brasiliens, wo es möglich ist, den Zweck der Ankunft und die von diesen Einwanderern in Brasilien durchgeführten Aktionen zu sehen. Insbesondere werden auch die Versprechungen untersucht, die diese verträumten Reisenden dazu bewogen, ihre Heimat zu verlassen, um sich auf den neuen Kontinent zu begeben, der Gegenstand dieser Forschung ist. Das allgemeine Ziel dieser Forschung besteht darin, die Versprechen zu untersuchen, die das Kommen der Deutschen in den

¹ O autor é Mestre em Ministério pela Carolina University (EUA); Especialista em Teologia Bíblica e Bacharel em Teologia, ambos, pela Faculdade Batista do Cariri, no Crato, no estado do Ceará. Atualmente, graduando em Letras Português e Alemão e Letras Português e Inglês no Instituto Superior de Educação Ivoti, no estado do Rio Grande do Sul. E-mail: jesustocoume@yahoo.com.br

² Doutora em Teologia pela Faculdade EST (São Leopoldo/Brasil). Professora no Instituto Superior de Educação Ivoti (Ivoti/Brasil). E-mail: marguit.goldmeyer@institutoivoti.com.br

Süden Brasiliens beeinflussten und im Werk *Ferro e Fogo I* von Josué Guimarães aufgezeichnet sind. Die konkreten Ziele sind: Ermittlung der Gründe für die deutsche Einwanderung nach Rio Grande do Sul; Verstehen, wie die deutsche Kolonisierung in Rio Grande do Sul stattfand; Erfahren welche Versprechen den deutschen Einwanderern gemacht wurden, und überprüfen die im Werk *Ferro e Fogo I* aufgeführten Versprechen. Die verwendete Methodik war sowohl in Artikeln als auch in Büchern bibliographisch und explorativ. Als wichtigste theoretische Referenzen werden Jean Roche, Vinícius Liebel, Telmo Lauro Müller und Rodrigo Trespach aufgeführt.

Schlüsselwörter: Deutsche Immigranten. Versprechen. Rio Grande do Sul. *Ferro e Fogo I*.

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2024 completará 200 anos da imigração alemã ao Brasil. Essa vinda de europeus ao solo brasileiro possibilitou que o país receptor se tornasse ainda mais diversificado e rico em sua história. Contudo, essa vinda se deu dentro de um contexto e esse artigo busca investigar a seguinte pergunta: Quais as promessas que influenciaram a vinda de alemães ao sul do Brasil registradas na obra *Ferro e Fogo I* de Josué Guimarães?

Esta obra, escrita por um gaúcho, faz parte de uma trilogia idealizada, que não foi plenamente concluída em razão da morte do autor em 23 de março de 1986. A trilogia é composta por *Ferro e Fogo I* (Tempo de Solidão) e *Ferro e Fogo II* (Tempo de Guerra), sendo o terceiro e último volume o que ficou incompleto, o denominado Tempo de Angústia. A relevância desse compêndio literário se dá pelo fato de que representa as únicas obras ficcionais que abordam a saga da colonização alemã no Brasil³.

Como justificativa para esta pesquisa, destaca-se o fato de que o próximo ano marca o bicentenário da imigração alemã ao Brasil, o que torna pertinente investigar as promessas que motivaram esses europeus a

desembarcar no país. Outra razão é o reconhecimento do autor, que, após Érico

Veríssimo, tornou-se significativo para a história recente do Rio Grande do Sul, sendo amplamente estimado nacionalmente⁴. Portanto, considerar sua obra contribui ainda mais para a disseminação do conhecimento que o autor proporcionou através de sua escrita.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar as promessas que influenciaram a vinda dos alemães ao sul do Brasil, conforme registradas na obra *Ferro e Fogo I* de Josué Guimarães. Já os objetivos específicos são: observar as razões para a imigração alemã ao Rio Grande do Sul; compreender como ocorreu a colonização alemã no estado, conhecer as promessas feitas aos imigrantes alemães e analisar as promessas visualizadas na obra *Ferro e Fogo I*.

Sobre a metodologia empregada, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e exploratória em artigos e livros publicados sobre temática. Como principais referenciais teóricos, elenca-se Jean Roche, Vinícius Liebel, Telmo Lauro Müller e Rodrigo Trespach.

Este artigo contemplará as seguintes divisões: Razões para a

³ Informações extraídas do site da editora que publicou a obra *Ferro e Fogo I*. Disponível em: https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805135&SecaoID=0&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=45. Acesso em: 11 jul. 2023.

⁴ Informação, igualmente, extraída do site anteriormente citado.

imigração alemã ao Rio Grande do Sul; Colonização alemã no Rio Grande do Sul; Promessas feitas aos imigrantes alemães; e Promessas visualizadas na obra *Ferro e Fogo I*. A seguir, as razões para a imigração alemã ao Rio Grande do Sul.

2 RAZÕES PARA A IMIGRAÇÃO ALEMÃ AO RIO GRANDE DO SUL

Ao se falar sobre imigração alemã, precisa-se considerar um fator importante, como esclarece Kreutz (2013, p. 38), o processo histórico de formação da Alemanha, uma vez que se deu em vários estágios que só foram concluídos em 1871. O autor diz ainda o seguinte:

Portanto, os imigrantes germânicos, vindos ao Rio Grande do Sul entre 1824 e 1871, não saíram de apenas um país, mas de vários países (Estados), pertencentes primeiro à Confederação Germânica ou Confederação dos Estados Alemães e, depois, à Confederação da Alemanha do Norte; outros mais saíram da Áustria, Luxemburgo, Holanda e, até mesmo, de regiões que, em certos períodos, pertenciam à França (Kreutz, 2013, p. 38).

Com isso, deve-se ter a compreensão que em 1824, o ano que marca a onda migratória de alemães ao Rio Grande do Sul, eles ainda não poderiam ser propriamente identificados como alemães, pois sequer existia uma Alemanha formada, o que só veio a acontecer anos depois.

Liebel (2018, p. 300) informa que algumas razões favoreceram o desenvolvimento de políticas migratórias no século XIII. Algumas delas incluem discussões sobre a qualidade de vida nas cidades alemãs; a necessidade de lidar com a numerosa quantidade de habitantes e a preservação de uma cultura alemã associada à terra e ao sangue; assim como as crises e guerras que atingiram a Alemanha, o que ocasionou deslocamentos e perdas de posses. Tudo

isso promoveu a imigração para a América entre 1800 e 1960. Em harmonia com isso, Kreutz (2013, p. 41) pontua que as motivações são variadas, mas que, apesar disso, pode ser afirmado que a imigração dos alemães ao Sul do Brasil se deu especialmente por necessidades econômicas, nas quais havia um desejo de proporcionar melhores condições de vida à posteridade dessas famílias que migraram.

Confirma-se que a imigração alemã ao Brasil está longe de ter sido uma ação irrefletida; antes, foi o processo que tem inúmeras justificativas sendo inseridas ao longo dos anos. Portanto, a imigração ocorreu mais como consequência imediata de um cenário previamente construído naquele continente. Dillenburg *et al.* (1996, p. 30) explicam que havia uma incerteza generalizada na Europa, devido aos efeitos das guerras napoleônicas, aos impostos elevados, assim como à falta de terras e de trabalho. Nota-se nessas palavras do autor que o cenário na Europa era sufocante, o que justifica a aceitação de uma proposta que apontasse para uma melhoria na vida do cidadão comum da época.

Pode-se dizer que houve uma pessoa chave nos acordos que culminaram nesse processo migratório rumo ao Brasil, como aponta Trespach (2019, p. 21):

Em 1818, o médico Georg Anton Schaeffer chegou ao Rio de Janeiro vindo da Ásia. Por meio dele, em pouco tempo aportariam no país mais de 11 mil alemães, entre colonos, artesãos e soldados mercenários: a primeira onda imigratória destinada à formação de colônias agrícolas, como São Leopoldo, e um exército para d. Pedro I.

Como apontado, o Major Schaffer foi vital para o que veio a ocorrer em solo brasileiro, no que diz respeito especificamente às grandes ondas migratórias de alemães para o Brasil a

partir de 1824. Kauer (2011, p. 17)⁵ adiciona que Schäffer foi o secretário particular da imperatriz. Apesar de ter uma má reputação em sua terra natal, ele desfrutava de prestígio em solo brasileiro. Como visto, sua grande contribuição nessa temática se deu por ele ter sido o responsável por trazer o povo que cumpriria a colonização no estado atual do Rio Grande do Sul.

3 COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL

Müller (1996, p. 36) comunica que 18 de julho de 1824 marca o dia quando, a primeira leva de alemães aporta na Província de São Pedro do Rio Grande⁶, na capital da Província, em Porto Alegre. A partir dali os imigrantes, com seus poucos pertences, subiram o rio Sinos em direção à Feitoria do Linho-Cânhamo⁷, em 25 de julho de 1824. Isso ocorreu porque o presidente da Província, José Feliciano Fernandes Pinheiro, julgou ser o local apropriado para os recém-chegados, uma vez que ali se encontravam desocupados a casa de pedra, os galpões, os estábulos, as senzalas, assim como instrumentos de trabalho, o que o levou a concluir que era o local adequado para que eles estivessem, enquanto não recebessem suas terras e não construíssem suas casas. Sobre a colonização, Müller (1996, p. 46) explica:

O vale do Rio dos Sinos foi a primeira região colonizada por alemães. Daí vem o nome “colônia velha”. São Leopoldo, Novo Hamburgo, Campo Bom, Sapiranga, Taquara, Igrejinha, Dois Irmãos, Estância Velha, Ivoti, São José do Hortêncio (*sic*) além de outros lugares, já que não é possível citar todos, fazem parte dessa

“colônia velha”. Logo depois foram ocupadas terras em Feliz, Nova Petrópolis, e mais para o centro do Estado os vales dos rios Taquari, Pardo e Pardinho. No Sul, São Lourenço. Essas colônias são conhecidas como “colônias novas” em relação a São Leopoldo.

Confere-se a importância da cidade de São Leopoldo, por se tratar do berço da colonização alemã no Rio Grande do Sul. O que veio a seguir foi uma expansão natural desses imigrantes europeus pelas demais regiões mencionadas, a fim de que cumprissem com o propósito de sua vinda.

Liebel (2018, p. 301) explicita que o Brasil não tinha uma organização promissora na indústria. Por isso, voltou-se especialmente para o desenvolvimento da agricultura e do comércio. Esse ramo serviu de incentivo aos imigrantes alemães em sua vinda ao país. A chegada dos alemães estava bem ajustada com os objetivos do governo brasileiro, especialmente por três motivos: aumentar a mão de obra no país, ocupar os grandes vazios demográficos existentes e “embranquecer” a sociedade. Este último aspecto, de viés racista, refletia a concepção da época de que o “embranquecer” da população aproximaria o Brasil das mais civilizadas nações europeias.

A partir das palavras do autor, percebe-se que o Brasil visualizou essa vinda alemã de uma forma muito produtiva para os seus interesses pessoais. Pode-se dizer que era uma percepção mútua tanto dos alemães quanto dos brasileiros de que essa parceria seria muito benéfica para ambos os grupos envolvidos. Dillenburg *et al.* (1996, p. 30) explicam que o governo brasileiro direcionou os

⁵ Livro impresso de forma independente. Não se deu via editora.

⁶ Identificação da época para o atual estado do Rio Grande do Sul.

⁷ Essa província, dois meses depois da chegada dos imigrantes, teria o nome mudado para São Leopoldo, em homenagem a jovem imperatriz brasileira, d. Leopoldina, que também possuía o alemão como língua materna (Trespach, 2019, p.11).

imigrantes alemães ao Sul do Brasil por algumas razões, como se vê: uma região ainda pouco povoada; um clima muito semelhante ao já vivenciado pelos europeus; por ser uma região com ótimas terras para o cultivo e, além desses fatores, por uma questão de estratégia militar, uma vez que essa região do país fazia fronteira com a Argentina e o Uruguai, que experimentava disputas com o Brasil na época.

Posto isso, visualiza-se que não se tratava de uma ação de compaixão para com os europeus que enfrentavam infortúnios no continente europeu e precisavam de uma válvula de escape, antes se deu por interesses bem estabelecidos por parte do governo no Brasil.

Sobre a onda migratória, Trespach (2019, p. 11) informa que: “Até o fim do Primeiro Reinado (1822-31), mais de 5 mil alemães desembarcaram no mesmo local e outros tantos se espalharam pelo país, multiplicando as colônias pelo Sul e pelo Sudeste”. Como se vê, trata-se de uma quantidade bem significativa de europeus que passou a residir em solo brasileiro. Na sequência, as promessas que serviram de persuasão para que os europeus deixassem a sua nação, partindo para o inexplorado Brasil.

4 PROMESSAS FEITAS AOS IMIGRANTES ALEMÃES

Embora houvesse razões plausíveis em prol da imigração alemã ao Brasil, vale-se ressaltar que também havia motivos contrários a esse planejamento. Roche (2022, p. 112) informa o seguinte a esse respeito:

No começo do século XIX, todo o movimento espontâneo de migração entre a Alemanha e o Brasil era inconcebível em razão das diferenças dos meios e dos gêneros de vida e da distância que separava os dois países: a lentidão, as probabilidades e o preço

da travessia, duas vezes mais elevado do que para os Estados Unidos, faziam recuar os emigrantes.

Nota-se que as razões contrárias a essa empreitada além-mar também eram bastante desanimadoras. Em virtude dessa certeza, precisou-se de bastante perspicácia para atrair esses europeus. Roche (2022, p.112) anuncia que o governo brasileiro atraiu esses imigrantes europeus, oferecendo-lhes variadas vantagens em dinheiro ou em espécie. Dillenburg *et al.* (1996, p.30) acrescentam que:

Atraídos pelo oferecimento de benefícios do governo brasileiro, como doação de terras, isenção de impostos e o pagamento de um pequeno salário além de ficarem livres de guerras ou disputas, muitos alemães haviam se transferido para o Brasil, numa corrente migratória iniciada há cinco anos, 1824.

Confirma-se que se tratava de ofertas bem promissoras a um povo que estava enfrentando duras lidas na Alemanha, não sendo uma particularidade desse país em específico, como já dito anteriormente. Além disso, Roche (2022, p.112) adiciona que essa colonização se deu por resolução imperial. Ele afirma que o imperador D. Pedro I tinha um interesse pessoal pelo povoamento e pela exploração de novas regiões do Brasil por brancos que não fossem portugueses.

Visualiza-se que houve um interesse nacional na imigração alemã, a começar pelo próprio imperador. É válido considerar, ainda, que o imperador que era português, preferiu deixar seus compatriotas de fora dessa intenção, considerando os alemães como o povo mais apropriado para essa tarefa. É bem possível que tenha sido influenciado pelo fato de que sua esposa, d. Leopoldina, era alemã. A seguir, o relato desses acontecimentos presentes na arte bibliográfica de Josué Guimarães em sua obra *Ferro e Fogo I*.

5 PROMESSAS VISUALIZADAS NA OBRA *FERRO E FOGO I*

A obra *Ferro e Fogo I* é de autoria de Josué Guimarães, escritor gaúcho. O enredo é riquíssimo, em especial, porque essa obra retrata aspectos da história relacionado a imigração alemã. Além disso, essa obra está na lista das renomadas obras que compõem a literatura do Rio Grande do Sul. Sobre essa literatura, pode ser dito que:

A literatura do Rio Grande do Sul, como qualquer outra literatura, representa um espaço nobre, onde se manifesta o pensar e o agir do povo, do escritor e do próprio leitor através da história e das diferentes regiões. Todos os fenômenos literários gaúchos retratam a história, a economia, a política, a psicologia, o modo de pensar e viver do povo do Rio Grande (Marobin, 1995, p. 99).

Portanto, um autor gaúcho sempre deixará resquícios em seus escritos de suas raízes, sendo essa uma marca bem recebida pelos leitores, uma vez que possibilita ao público de outras regiões do Brasil emergirem por meio da imaginação em cenários nunca contemplados a olhos nus.

A seguir, uma breve e objetiva introdução ao livro *Ferro e Fogo I*, segundo uma abordagem estruturalista, onde a ênfase estará sobre: espaço, tempo, narrativa, personagens, temática e linguagem.

Sobre o espaço, confere-se que as menções feitas às cidades ao longo da obra delimitam o enredo como ocorrendo em sua maior parte no estado atual do Rio Grande do Sul. A obra cita cidades como Estância Velha e Porto Alegre, por exemplo, as quais existem hoje. Muller (2022, p. 7)⁸ acrescenta ainda sobre o assunto:

A *Ferro e Fogo – Tempo de Solidão* é um romance ficcional que, como tal, não necessitaria ter compromisso algum com fatos verídicos mas, ao contrário, mostra uma cronologia precisa que remete o leitor a uma viagem didática e lúdica ao período do início da colonização alemã no Brasil, mais precisamente à antiga Feitoria do Linho Cânhamo, passada à colônia alemã de São Leopoldo.

Posto isso, fica determinado que não se trata de um relato verídico; todavia, isso não anula elementos verossímeis no enredo, pois, como se sabe, a imigração alemã ao Sul do Brasil ocorreu. Portanto, o espaço é real, muito embora a história seja fictícia.

Sobre o tempo, há delimitadores textuais, como a referência ao evento histórico da Guerra da Cisplatina, algo que, igualmente, aconteceu. Pode-se dizer que o enredo da obra *Ferro e Fogo I* compreende a primeira década após a chegada dos alemães ao Brasil, portanto, entre 1824 e 1835. Como afirma Muller (2022, p. 2):

O livro “A *Ferro e Fogo – Tempo de Solidão*” do escritor gaúcho Josué Guimarães, escrito em 1972, faz parte de uma trilogia, infelizmente, incompleta. [...] O primeiro volume se passa de 1824 até meados de 1835, às portas da Revolução Farroupilha; o segundo vai de 1835 à 1870 e o terceiro abordaria o episódio dos Mucker, caso fosse escrito.

Nota-se ainda que esse tempo está compreendido entre guerras, não só a da Cisplatina que marca o evento do livro, mas já abrindo passagem para outra disputa que a seguiria, a saber: a Revolução Farroupilha.

Sobre a narrativa, pode ser dito que se trata de uma narrativa complexa. Essa afirmação se justifica por apresentar as seguintes características: “estrutura opaca, cheia de estranhamentos, de rupturas com o mundo ideológico e

⁸ Artigo não publicado ainda, por essa razão não consta o ano na referência.

estático” (Marobin, 1995, p. 105). Esse enredo não é previsível, não se apropria de eventos óbvios, por isso, não se ajusta a uma narrativa simples, mas sim complexa.

Sobre as personagens, deve-se classificá-las como personagens esféricas, aquelas sobre as quais repousa a profundidade. A obra possui duas personagens femininas centrais: Catarina e Sofia. Sobre a personalidade delas, pode ser apontado:

Os escravos já armavam entre o casebre e uma árvore mirrada a rede de fios vermelhos e franjas brancas. Ao sentar-se, esparramado, Gründling ameaçou derrubar a casa; as paredes sacudiram e a cobertura de palha seca ondulou. O primeiro a surgir foi Daniel Abrahão e logo atrás dele a cara redonda e forte de Catarina, a testa franzida, intrigada e curiosa. (Guimarães, 1981, posição 110, grifo meu).

Observa-se nessa citação o tipo de mulher que Catarina era: forte e decidida, que não fugia de um confronto quando essa circunstância lhe exigia a participação. Essa característica, certamente, não era majoritária em sua geração, ilustrando como essa personagem estava à frente de sua época. Outra personagem a ser analisada é Sofia, como se vê:

Sofia abriu uma porta e surgiu na sala. O Padre Antônio levantou-se pressuroso, olhando para Gründling. – Esta é Sofia, padre, minha mulher. Isto é, que será minha mulher – corrigiu sorrindo. Sofia pediu ao padre que ficasse à vontade, sentou-se com dificuldade na poltrona ao lado e disse: – De onde estava ouvi as suas perguntas a Herr Gründling. Tome nota que eu mesma posso lhe fornecer os dados pedidos. Meu nome é Sofia Spannenberger, filha de Julius e de Cristina Spannenberger. Idade, vamos ver, talvez dezenove anos. Ou vinte. Acho que isso não importa muito. Meus pais, pelo que

sei, eram luteranos (Guimarães, 1981, posição 2292, grifo meu).

Confere-se que Sofia, por sua vez, tem aspectos em comum com Catarina no que tange à força. Ela sabia impor-se quando entendia que se fazia necessário. Ela tinha uma voz que a possibilitou responder por si mesma. Essa mulher não pode ter sua voz tolhida, a fim de que não viesse a sentir-se acuada, como um animal. Sua voz se fez ouvir em seus dias!

Ambas as personagens estão de acordo com as descrições que se fazem das personagens esféricas, sendo atribuído a elas, como informa Marobin: “o seu espírito, livre, pensa o que quer.” (Marobin, 1995, p. 107). Tanto Catarina quanto Sofia exerceram uma autonomia que causou surpresa quando comparada à época da escrita. Além disso, nem uma nem a outra eram personagens superficiais e previsíveis.

Quanto ao aspecto da temática, trata-se de uma estrutura regionalista. Ao longo do enredo, faz-se menções aos animais, ao campo, assim por diante. Como se vê:

Escutem aqui – Gründling levantou-se com esforço da rede –, forneço duas carroças com juntas de bois, dou mais quatro juntas de troca, vinte cavalos, que esses animais aqui no Rio Grande são muito fracos e morrem quando menos se espera (Guimarães, 1981, posição 165).

Sobre isso, Marobin (1995, p. 108) esclarece que uma das fortes características da literatura do Rio Grande do Sul é justamente fazer menção a termos como animais, roupas, comidas, entre outros, como um forte tom regionalista.

Por fim, a estrutura da linguagem se harmoniza com a estrutura denotante. Essa é a estrutura responsável pelas realidades básicas estritamente relacionadas com o espaço e o tempo, quando o tempo, inclusive, é denotado a partir de eventos importantes (Marobin,

1995, p. 111). Entre os eventos que a obra aborda estão a imigração alemã ao Brasil e a Guerra da Cisplatina. É especialmente sobre aquele primeiro ponto que este artigo se propõe a analisar. Confere-se que o elemento promessa é trabalhado pelo autor na obra *Ferro e Fogo I*, como se vê:

Na brumosa manhã do dia seguinte, domingo, o seleiro Schneider e os outros trataram de voltar aos casebres da extinta Real Feitoria do Linho Cânhamo, no Faxinal da Courita, onde há mais de três meses aguardavam que o governo cumprisse com o que lhes fora prometido na Alemanha: uma colônia de terras de papel passado, alguma ferramenta, sementes e animais domésticos (Guimarães, 1981, posição 43).

Constata-se a frustração dos imigrantes representados na obra diante da falta de cumprimento por parte do governo das promessas difundidas na Alemanha. Eles reivindicavam o básico para sua própria subsistência, a saber: uma terra, uma ferramenta com a qual pudessem trabalhar, sementes para plantio, pois precisavam se alimentar, e animais domésticos. Esses elementos elencados não representavam nenhum luxo, antes se tratava do básico para um povo familiarizado com a agricultura.

Contudo, essas promessas não se cumpriram. Pelo menos, não como havia sido prometido. É apresentado ao longo da obra, de forma até indutiva, a frustração dos imigrantes que ficaram como quem sonha, mas sem alcançar seus objetivos, como se vê no relato do personagem Daniel Abrahão Schneider, o marido de Catarina anteriormente apresentado:

À noite, sonhava com o cheiro de pão fresco da Europa, com o perfume das cucas açucaradas, com a fritura das grossas salsichas e do chucrute conservado na vinha-d'alhos. De madrugada, estrelas ainda no céu,

enquanto enfiava as botinas de sola de madeira, jurava para si mesmo que um dia, um dia não muito distante, ainda plantaria sementes de trigo na sua terra, terra de papel passado, e das sementes tiraria a farinha. Catarina e Philipp comeriam com ele o pão, um cesto deles, com o mesmo aroma que teimava em não esquecer. Que as barrigas estourassem de tanto prazer (Guimarães, 1981, posição 96).

Esse parágrafo expressa a frustração do personagem que se entregou a uma promessa que não se cumpriu, mas ainda aguardava o dia em que ela seria concretizada. O que se vê é o relato de um imigrante que trocou o certo na Alemanha por uma promessa que agora se apresentava incerta no Brasil.

Ao princípio, os imigrantes alemães, dos quais Daniel Abrahão fazia parte, haviam sido escolhidos para servir como soldados ao imperador D. Pedro I e outros, unicamente com o propósito de povoarem o Brasil, como é anunciado no trecho:

Depois disse: Daniel Abrahão, você, a mulher e o filho vieram para o Novo Mundo por obra e graça do major. O outro disse que sim, pois viera até o Rio de Janeiro no navio *Wilhelmine* e de lá para Porto Alegre na sumaca São Francisco de Paulo, cujo capitão se chamava Henrique Bilske, que além de bom navegador era homem de brio e muito generoso. Gründling disse, uma coisa nada tem a ver com outra; agora o major embarca soldados regulares da Alemanha para o Rio Grande, que D. Pedro I queria homens de exército, hábeis no manejo das armas e com preparo militar para enfrentar qualquer guerra. Além de soldados mandaria de lá casais agricultores e que todos viriam para aquele pedaço de terra onde estava acorado Daniel Abrahão Lauer Schneider (Guimarães, 1981, posição 150, grifo meu).

Certamente, nenhum alemão viria ao Brasil se soubesse que a realidade encontrada aqui seria pior do que a

deixada para trás na Alemanha. É mais do que plausível imaginar que eles esperavam encontrar melhores condições de vida no novo continente, o que não veio a acontecer.

No trecho a seguir, menciona-se as grandes levadas de imigrantes que chegavam ao Brasil: “Da Alemanha, ele escrevera para Gründling anunciando novas remessas de imigrantes nos próximos meses. Ao todo, pretendia mandar mil deles, cerca de 160 famílias” (Guimarães, 1981, posição 1086). Inúmeras famílias vieram ao Brasil, cada uma trazendo consigo sonhos de um futuro melhor em relação ao que o passado havia proporcionado.

Nota-se as sinalizações do enredo que evidenciam que a situação desses imigrantes não era boa, como no diálogo abaixo:

O inspetor alertou Gründling: – O senhor deve se cuidar. Há muito imigrante achando que a desgraça deles é toda culpa de seu amigo, o Major Schaeffer. Gründling já desconfiava disso e observou para o inspetor, homem de leva-e-traz: – Pois não tenho nada a ver com o Major Schaeffer, a não ser uma velha amizade dos tempos de Bremen. Estou aqui a mando da Imperatriz Leopoldina para saber se tudo corre bem com essa gente. – *Então, acredito, tem mandado dizer que as coisas não correm bem.* – Tenho. As providências cabem ao presidente da Província e não a mim (Guimarães, 1981, posição. 1086, grifo meu).

É muito provável que esses imigrantes tenham amargado o dia em que deixaram a Alemanha, que, embora também tivesse suas dificuldades, ainda assim, era o país deles, onde estavam completamente familiarizados com o idioma, os costumes e as terras, o que não se pode dizer de sua experiência no Brasil.

Dillenburg *et al.* (1996, p. 31) mencionam algumas das lutas aqui

vivenciadas por esses imigrantes. Ele indica tanto os constantes ataques dos índios quanto de animais ferozes; o descumprimento da maioria das promessas do governo; a estranheza ao meio ambiente; a falta de estradas; a dificuldade com o novo idioma e as ameaças de revolução no país, sendo tudo isso, como o autor classifica “um círculo-vicioso” que duraria muito tempo ainda.

No que tange ao que é alistado por último nessa lista de mazelas, vale-se frisar que os imigrantes já estavam desgastados pelos conflitos existentes na Europa e buscando sair daquele cenário. Infelizmente, eles não podiam prever que tornariam a enfrentar dilemas semelhantes no novo continente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada dos imigrantes alemães ao Sul do Brasil é uma trajetória de glória e de dores. De glória, porque o tempo comprova que houve frutos para essa vinda, embora o início possa ter sido penoso. Esses frutos estão na riqueza da cultura que foi forjada em meio a tanta diversidade; na aquisição de valores aqui importados por meio de tantos homens e mulheres de coragem e fé que aqui chegaram nos séculos anteriores. Mas ainda de dores, porque muitos abandonaram familiares e amigos, assim como muitos bens materiais conquistados por anos, mas que não puderam trazer consigo em sua vinda.

Esse evento histórico tem sido contemplado por meio da diversidade de arte produzida pelo homem. A temática da imigração alemã é visualizada, além da produção literária aqui exposta, ainda no cinema, nas pinturas e na música, só para citar alguns exemplos, os quais testificam de sua relevância e impacto.

Por fim, é válido dizer que há ações que certas pessoas tomam em sua própria

vida que modificam não somente sua vida em questão, mas também a de outras mais à sua volta. Valendo-se dessa certeza, não é leviano assegurar que o que esses cidadãos do além-mar cumpriram com sua vinda ao Brasil é algo que influenciou não somente sua própria geração, mas também as subsequentes, ao ponto de transformar a história de uma nação chamada Brasil!

ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. 2.ed. compl. ver. atual. São Leopoldo: Oikos, 2022.

TRESPACH, R. **1824: como os alemães vieram parar no Brasil, criaram as primeiras colônias, participaram do surgimento da igreja protestante e de um plano para assassinar D. Pedro I**. São Paulo: Leya, 2019.

REFERÊNCIAS

Recebido em: 19/07/2023

Aceito em: 02/12/2023

DILLENBURG, J.T. *et al.* (org.). **Dillenburg**. Nova Petrópolis, RS: Amstad, 1996.

GUIMARÃES, J. **A Ferro e Fogo I: Tempo de Solidão**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1981. [Edição do Kindle].

KAUER, E. **Alemão Batata**. Montenegro, RS: Edição do Autor, 2011.

KREUTZ, R. A. Antecedentes históricos dos imigrantes germânicos. In: _____. (org.). **Bom Jardim-Ivoti: no palco da História**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. p. 37-42.

LIEBEL, V. **Os alemães**. São Paulo: Contexto, 2018.

MAROBIN, L. **Painéis da Literatura Gaúcha**. São Leopoldo: UNISINOS, 1995.

MULLER, C. E. **A Ferro e Fogo – Tempo de Solidão: aspectos sociais e políticos presentes na obra de Josué Guimarães**. Como podem ser abordados em sala de aula? 2022. p. 1-16.

MÜLLER, T. L. **História da imigração alemã para crianças**. Porto Alegre: EST, 1996.